

Sarney batalhou muito pelo candidato que jurava não ter

BRASÍLIA — “Não tenho nem terei um candidato. Posso até votar em branco”. Na primeira vez que se manifestou sobre a sucessão, em dezembro, o Presidente Sarney deu o tom, que repetiria durante toda a campanha, do que seria sua participação no processo: a de um magistrado, que não se manifestaria ou trabalharia para qualquer candidato. Hoje, Sarney não diz mais que votará em branco, mas não modificou seu discurso de isenção e insiste que só participará das eleições como cidadão, depositando na urna da 1ª Zona Eleitoral de São Luís.

O discurso de Sarney nem sempre correspondeu ao movimento dos corredores e gabinetes do Planalto. A primeira investida — que Sarney jamais assumiu, mas que envolveu todas as forças governistas — foi a candidatura do Ministro da Agricultura, Iris Resende. Acabou derrotado por Ulysses Guimarães na convenção do PMDB, resul-

tado que, na época, Luiz Roberto Ponte, Líder do Governo na Câmara, classificou como “catastrófico para o processo democrático”. Ulysses, já em rota de colisão com Sarney, foi obrigado a ceder às pressões dos “autênticos” e alijar da campanha ministros e políticos ligados ao Governo.

Sarney, então, assistia ao crescimento de Fernando Collor de Melo, que invadiu seu espaço político no Maranhão. A liderança do PRN é exercida pelo principal adversário dos Sarney, o ex-Governador João Castello — que pretende voltar, no próximo ano, ao Palácio dos Leões, lugar que Sarney sonha ver ocupado por seu filho Zequinha. Com o eleitorado dividido entre Collor e Brizola, Zequinha chegou a manifestar vago apoio ao candidato do PDT, mas sua postura oposicionista dificultava uma aproximação declarada. Afif, nesse momento — entre maio e junho —, surgiu como opção, rapidamente afastada pela

pouca receptividade no eleitorado nordestino.

Enquanto enfrentava pressões maranhenses, Sarney liberou seus ministros e assessores para apoiar qualquer candidato. Assim, dentro do Governo, começou-se a conjugar o verbo “colocar”. Mas o Presidente não desistira de encontrar um nome capaz de unir as forças governistas.

A lista foi reaberta com Jânio Quadros, que relutou em disputar com Orestes Quêrcia, que ainda podia ser escolhido pelo PMDB. Depois, percebeu que seu eleitorado estava irremediavelmente dividido, e desistiu, alegando problemas de saúde.

Outro nome sondado foi o do empresário Antônio Ermírio de Moraes, em setembro. Ele foi convidado por Sarney, na Granja do Torto, mas também não aceitou, considerando que a campanha já estava muito avançada para o ingresso de mais um disputante.

A previsão do Secretário particular Augusto Marzagão — que desde sua chegada ao Planalto, em julho, contava com o surgimento de um “fato novo” para mudar o quadro eleitoral, como insistiu em várias conversas com jornalistas — veio, finalmente, a se concretizar a 15 dias das eleições. Cercado de desmentidos e “coincidências”, como Marzagão explicou os encontros que manteve com Silvio Santos às vésperas de o apresentador anunciar sua candidatura, o “fato novo” — com ou sem a participação do Presidente — serviu para Sarney abalar a liderança de Fernando Collor. Embora permaneça no primeiro lugar em todas as pesquisas, Collor teve sua primeira queda significativa. A cada queda de Collor, caía junto João Castello — o que garantia a Zequinha voltar à disputa de um espaço político no Maranhão, mesmo que tenha de se aliar a Brizola.